

Recife sempre

Paulo Freire

De Santiago te escrevo, Recife
para falar de ti a ti
para dizer-te que te quero
profundamente, que te quero
Cinco anos faz que te deixei --
manhã cedo – tinha medo de olhar-te
tinha medo de ferir-te
tinha medo de magoar-te.
Manhã cedo – palavra não dizia
Como dizer palavra se partia?
Tinha medo de ouvir-me
tinha medo de olhar-me
tinha medo de ferir-me
Manhã cedo – as ruas atravessando
o aeroporto se aproximando
o momento exato chegando
mil lembranças de ti me tomando
no meu silêncio necessário.
De Santiago te escrevo
para falar de ti a ti
para dizer-te de minha saudade, Recife
Saudade mansa – paciente saudade,
saudade bem-comportada.

Recife, sempre Recife,
de ruas de nomes tão doces,
Rua da União, que Manuel
Bandeira tinha “ medo que
se chamasse rua Fulano
de tal” e que hoje eu temo
que venha a se chamar
Rua coronel Fulano de tal.
Rua das creoulas
Rua da aurora
Rua da amizade
Rua dos Sete Pecados.

Recife sempre.
Teus homens do povo
queimados do sol
gritando nas ruas, ritmadamente:
chora menino pra comprar pitomba
eu tenho lã de barriguda pra “trabiceiro”
Doce de banana e goiaba!
Faz tanto tempo!
Para nós, meninos da mesma rua,
aquele homem que andava apressado
quase correndo – gritando, gritando:
doce de banana e goiaba!

Aquele homem era um brinquedo também
Doce de banana e goiaba!
Em cada esquina, um de não dizia:
quero banana, doce de banana!
Sorrindo já com a resposta que viria.
Sem parar
sem olhar para trás
sem olhar para o lado
apressado, quase correndo,
o homem-brinquedo assim respondia:
“Só tenho goiaba --
grito banana porque é meu hábito”.
Doce banana e goiaba!
doce de banana e goiaba!
Continuava gritando,
andando apressado
sem olhar para trás
sem olhar para o lado
o nosso homem-brinquedo.

Foi preciso que o tempo passasse
que muitas chuvas chovessem
que muito sol se pusesse
que muitas marés subissem e baixassem
que muitos meninos nascessem
que muitos homens morressem
que muitas madrugadas viessem
que muitas árvores florescessem
que muitas Marias amassem
que muitos campos secassem
que muita dor existisse
que muitos olhos tristes eu visse
para que entendesse
que aquele homem-brinquedo
era o irmão esmagado
era o irmão explorado
era o irmão ofendido
o irmão oprimido
proibido de ser.

Recife, onde tive fome
onde tive dor
sem saber por que
onde hoje ainda
tantos, terrivelmente tantos,
sem saber por que
têm a mesma fome,
têm a mesma dor,
raiva de ti não posso ter.
Recife, onde um dia tarde
com fome, sem saber por que
pensei tanto
nos que não comiam
nos que não vestiam

nos que não sorriam
nos que não sabiam
o que fazer da vida

Pensei tanto
nos deserdados
nos maltratados
nos que apenas se anunciavam
mas que não chegavam
nos que chegavam
mas que não ficavam
nos que ficavam
mas não podiam ser
nos meninos
que já trabalhavam
antes mesmo de nascer--
no ventre ainda, ajudando a mãe
a pedir esmolas
a receber migalhas--
também descaso de olhares frios--
Recife, raiva de ti não posso ter.
Um dois três quatro
quatro três dois um
pra frente pra trás
apitos – acerta paso
soldado não pensa
um dois três quatro
quatro três dois um
direita esquerda
alto! esquerda direita
soldado não pensa

Recife, cidade minha,
já homem feito teus cárceres experimentei.
o que queria
o que quero e quererei
é que homens – todos os homens --
possam comer
possam vestir
possam calçar
possam criar
e que os meninos não tenham fome
não tenham dor --
possam brincar
possam sorrir
possam cantar
possam amar
e amados possam ser.
Recife, cidade minha
já homem feito
teus cárceres experimentei.
Neles fui objeto
fui coisa
fui estranheza

Quarta-feira -- 4 horas da tarde
o portão de ferro se abria.
“Hoje é dia de visita. Em fila!
Punirei aquele que trazer
um chocolate ao menos
Revistarei a todos”
Com voz áspera dizia
um de nossos “proprietários”
um homem menor que seu posto.
Marchávamos então descompassados,
sem cadência até as esposas feridas

as mães aflitas
os filhos assustados
Naqueles encontros algo novo descobri

frente a Elza e às três Marias,
filhas nossas,
muita palavra tinha para dizer
muita coisa a perguntar
muita esperanças pra afirmar
mas também muita fome pra matar
e trinta minutos para tudo.
Naqueles encontros algo de novo descobri:
palavras e pedaços de comida
também podiam se chocar.

Recife, cidade minha,
já homem feito
teus cárceres experimentei.
“Capitão, quando esse doutor disser Criador
referindo-se a Deus, escreva com c pequeno
Criador com c grande é somente o meu”.
O coronel, dono do mundo,
dono dos presos,
de Deus queria ser dono também.
Rico coronel aquele!
Pobre homem aquele!
Queria fazer de Deus Cabo-da-guarda
ou “ bagageiro” seu
ou “ capitão de mato”
que o ajudasse a caçar subversivos.

Recife, cidade minha,
já homem feito teus cárceres experimentei
Vivi silêncios
isolamentos vivi.
Morei horas numa espécie de caixão--
um metro e setenta de comprimento
sessenta centímetros de largura
Paredes frias
paredes ásperas
escuridão.

Vivi tranqüilo, dormi tranqüilo,
de nada me arrependi.
Recife, cidade minha,
já homem feito teus cárceres experimente.
Um dois três quatro
quatro três dois um
os homens aprendendo a não ser homens.
O relógio de minha casa também dizia
um dois três quatro
quatro três dois um
mas “ sua cantiga era diferente” .
Assim cantando
dos homens apenas o tempo marcava.

Recife, cidade minha,
em ti vivi infância triste
adolescência amarga em ti vivi.
Não me entendem se não te entendem --

minha gulodice de amor,
minha esperança na luta
minha confiança nos oprimidos--
tudo isto se forjou em mim,
nas minhas relações contigo--
na infância triste,
na adolescência amarga.
O que falso
o que penso
o que digo
o que escrevo,
tudo estão marcado de ti.
Sou ainda o menino que teve fome,
que teve dor
sem saber por que.
Só uma diferença existe
entre o menino de ontem
e o menino de hoje,
que ainda sou:
sei agora por que tive fome
sei agora por que tive dor

Recife, cidade minha, proclamo alto:
se alguém me ama
a ti te ama.
Se alguém me quer
que a ti te queira.
Se alguém me busca
que em ti me encontre:
nas tuas noites,
nos teus dias
nas tuas ruas
nos teus rios
no teu mar
no teu sol

na tua gente
no teu calor
nos teus morros
nos teus córregos
na tua inquietação
no teu silêncio
na amorosidade de quem lutou
e de quem luta
de quem se expôs
e de quem se expõe
de quem morreu
e de quem pode morrer
buscando apenas, cada vez mais,
que menos meninos
tenham fome e tenham dor
sem saber por que.
Por isto disse:
não me entendem
se não te entendem--
o que faço
o que penso
o que digo
o que escrevo
tudo estão marcado de ti.
Recife, cidade minha,
de Santiago te escrevo
para dizer-te que te quero
profundamente, que te quero.

Título: Recife sempre

Autor: Paulo Freire

Data de publicação: 1969-02

Direitos autorais¹: Creative Commons by-nc-nd 2.5 (Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas)

Palavras-Chave: Paulo Freire, Recife, prisão, Santiago

Tipo: Texto

Formato: pdf

Idioma: Português

Páginas (versão digital): 6

Localização (versão digital): <http://www.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000035>

Outras informações: Escrita em Santiago de Chile

¹ Para mais informações, acesse: <http://creativecommons.org/licenses/byncnd/2.5/br/>